

Judeus no Brasil: novas iniciativas no campo da memória e da cultura*

Jews in Brazil: new initiatives in the field of memory and culture

Adriana Abuhab Bialski¹

Doutoranda em Letras pelo PPG LETRA/FFLCH/USP

<http://lattes.cnpq.br/2027299026842348>

Resumo: O presente trabalho pretende apresentar um panorama da imigração judaica contemporânea para o Brasil, em conexão com o campo da memória, do patrimônio e dos museus. Para isso, evidenciamos as diversas ondas migratórias que impactaram sobretudo o século XX, responsáveis pela formação das comunidades judaicas no país – expressão empregada no plural para destacar a diversidade dos que aqui se estabeleceram quanto à região de origem, idioma e costumes. Em seguida, descrevemos as iniciativas institucionalizadas de preservação e extroversão da memória judaica brasileira. Por fim, relatamos, sem pretender esgotar o assunto, algumas experiências recentes nesse campo, voltadas à priorização da salvaguarda e da divulgação dos patrimônios material e imaterial dos imigrantes e de seus descendentes. O artigo em questão integra uma pesquisa mais ampla, cujo objetivo é preencher uma lacuna existente na interface entre estudos judaicos e museológicos.

Palavras-chave: judaísmo brasileiro; imigração judaica; memória judaica.

Abstract: The present work intends to present an overview of contemporary Jewish immigration to Brazil, in connection with the field of memory, heritage and museums. To this end, we highlight the various migratory waves that impacted especially the twentieth century, responsible for the formation of Jewish communities in the country – a plural term expressing the diversity of those who settled here in terms of region of origin, language and customs. Next, we describe the institutionalized initiatives for the preservation and extroversion of Brazilian Jewish memory. Finally, we report, without intending to exhaust the subject, some recent experiences in this field, aimed at prioritizing the safeguard and dissemination of the tangible and intangible heritage of immigrants and their descendants. The article in question is part of a broader research, whose objective is to fill an existing gap in the interface between Jewish and museum studies.

Keywords: Judaism in Brazil; Jewish immigration; Jewish memory.

¹ Economista pela FEA/USP, mestra em Letras pelo PPG LETRA/FFLCH/USP, especialista em Museologia, Cultura e Educação pela PUC/SP, doutoranda em Letras pelo PPG LETRA/FFLCH/USP com bolsa CAPES, sob a orientação da Profa. Dra. Nancy Rozenchan. E-mail: abuhabbialski@usp.br

1. Introdução

Pensar nos judeus e sua inserção no Brasil é tratar da correspondência histórica entre um grupo minoritário e o país desde sua existência como tal. Seja sob a roupagem de cristãos-novos nos séculos XVI, XVII e XVIII, seja sob o prisma de uma identidade judaica declarada a partir do século XIX, a existência e a contribuição desse contingente particular não podem ser ignoradas. A pesquisadora Eva Blay (2013) salienta essa lacuna na historiografia brasileira e a consequente ausência do tema nos livros escolares. Da mesma forma, as instituições de memória idealizadas pelas várias esferas de governo e geridas, de modo direto, por organizações sociais (as conhecidas OSs), ou ainda via parcerias público-privadas, deixam de fora tais narrativas.

Nesse sentido, o presente estudo busca trazer à tona as iniciativas institucionalizadas por museus, assim como as ações capitaneadas por núcleos menores, muitas vezes de caráter experimental, que têm por objetivos o resgate, a preservação e a disseminação da memória judaica em suas várias vertentes. Em todos os casos observados, a concretização dos empreendimentos destacados se deveu à mobilização da comunidade judaica, não caracterizada por um bloco monolítico, ao contrário do que o senso comum pode indicar, mas representada na sua pluralidade.

A pesquisa se apoia em formulações teóricas desenvolvidas no âmbito dos estudos museológicos a partir dos anos 1970, com destaque para a corrente da Nova Museologia e para o conceito de museus comunitários. Tais fundamentações embasam iniciativas que procuram valorizar e dar protagonismo a grupos específicos, sejam eles numericamente mais ou menos expressivos (Poulot, 2005). Além disso, a ideia do trabalho é aplicar os pressupostos adotados no contexto dos museus, de modo genérico, às iniciativas de salvaguarda e extroversão da memória judaica, em específico. O levantamento, sequência de estudos anteriores (Bialski, 2021, 2022, 2024a, 2024b), também é fruto da participação, como colaboradora ou observadora, nas iniciativas descritas.

2. Presença judaica no Brasil

2.1. Cristãos-novos e judeus no Brasil Colônia

O início da história dos judeus no Brasil confunde-se com os primórdios da colonização. Em outras palavras, já no século XVI, integrando as esquadras dos navegadores portugueses, vamos encontrar, entre astrônomos, geógrafos, escribas e tripulantes em geral, indivíduos de origem judaica. Cristãos-novos e criptojudeus² fizeram-se presentes durante todo o período colonial. Entre nomes bastante conhecidos da história do Brasil, cuja origem judaica, em contraposição, é menos óbvia, podemos citar Gaspar da Gama, companheiro de Pedro Álvares Cabral, Fernando de Noronha, primeiro donatário, Bento Teixeira, autor de destaque na literatura brasileira, além do dramaturgo Antônio José da Silva, conhecido como “o Judeu”.

A concretização de uma vida judaica praticante sem restrições só foi possível no Brasil Colônia entre os anos de 1630 e 1654, mais especificamente em Pernambuco, durante a dominação holandesa na região. Esse brevíssimo período, caracterizado pela tolerância religiosa, é marcado pela criação de duas sinagogas, pela fundação de um cemitério próprio e de organizações comunitárias com finalidades diversas. Com a retomada de Pernambuco por parte dos portugueses, a vida judaica se esfacela. Em outras palavras, com a proibição de se expressarem como tais, os judeus partem para a Holanda ou dirigem-se às colônias holandesas no Caribe, ou ainda seguem para Nova Amsterdã, atual Nova York, sendo que a minoria que aqui permanece passa por um processo de assimilação.

Transformações importantes assinalam o início do século XIX. O fim oficial da Inquisição, a Abertura dos Portos às Nações Amigas, a vinda da família real e a assinatura dos tratados de livre comércio são eventos que se somam à declaração de Independência, sinalizando um novo capítulo para o Brasil, mas também evidenciando uma nova era para a história judaica. É quando começa o que denominamos imigração contemporânea. Nas palavras de Nachman Falbel (2008, p.30):

[...] a história recente ou moderna dos judeus no Brasil nada tem em comum com o período colonial, pois os cristãos-novos, assim como os judeus sob o domínio holandês com a restauração do poder português, a partir de 1654, não deixaram comunidades organizadas que as novas ondas imigratórias, a partir de 1808, pudessem receber e lhes dar continuidade.

² Criptojudeu é o termo utilizado para designar quem mantém o judaísmo às escondidas.

2.2. Judeus imigrantes no Brasil independente

Os judeus que se dirigiram ao Brasil no século XIX, e de forma muito mais expressiva no século seguinte, eram oriundos de dezenas de países. A região amazônica, o eixo Rio-São Paulo e o Rio Grande do Sul foram as principais áreas receptoras, porém não as únicas.

A comunidade judaica, que até hoje contribui para a diversidade da população amazônica, estabeleceu-se na região nas primeiras décadas dos anos 1800. Em sua maioria, formada por marroquinos. Como motivação para o êxodo do Norte da África, citamos a situação econômica desfavorável e as hostilidades sofridas pela minoria religiosa em sua terra natal. Como fator de atração, as drogas do sertão – as especiarias da floresta – e, em um segundo momento, a borracha. O grupo se fixou inicialmente em pequenas vilas às margens dos rios e ficou conhecido como os primeiros regatões – comerciantes ambulantes que vendiam mercadorias em troca dos produtos nativos. Posteriormente, já nas capitais Belém e Manaus, fundaram sinagogas e deram início aos núcleos judaicos próprios existentes na atualidade.

Para o Rio de Janeiro, capital do país à época, acompanhando a imigração crescente mais ampla de toda a Europa, primeiro vieram judeus ingleses e franceses, que atuavam como industriais, comerciantes e profissionais liberais. Várias sinagogas e organizações comunitárias foram estabelecidas posteriormente, resultado das iniciativas de grupos migratórios diversos com destino à região fluminense, sefarditas³ e asquenazes⁴, de modo que hoje o estado responde pela segunda maior coletividade judaica.

Já a imigração judaica para o Rio Grande do Sul nos primeiros anos do século XX apresenta algumas singularidades, quais sejam, o fato de ter contado com incentivos privados e de ter como destino a área rural. O povoamento inicial se deveu à instalação de colônias agrícolas como ação filantrópica do barão Maurice de Hirsch, judeu alemão responsável pela criação da Jewish Colonization Association (JCA ou ICA). Graças a essa aquisição de terras, judeus fugidos dos *pogroms*⁵ que assolavam a Rússia protagonizaram o desenvolvimento das

³ O termo sefardita designa, de modo geral, os judeus cuja origem primária está relacionada à Península Ibérica e que, após sua expulsão, motivada pela Inquisição, espalharam-se pelo Norte da África, Império Otomano e partes da Europa.

⁴ O termo asquenaze se refere aos judeus provenientes da Europa Oriental e Central, originários da ramificação que se estabeleceu na Alemanha.

⁵ Segundo a Enciclopédia do Holocausto (disponível em: <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/pogroms>; acesso em: 17 jul. 2024), o termo designa “os violentos ataques físicos da população em geral

colônias Philippon e de Quatro Irmãos. Entretanto, esses pequenos núcleos tiveram vida curta, pouco mais de uma década, por inúmeros fatores, como a falta de experiência com a agricultura local e a qualidade pouco favorável da terra, além do isolamento geográfico ao qual se submetiam e a situação política regional instável em meio à qual viviam. Como consequência, os judeus da localidade acabaram se transferindo para Porto Alegre. A capital reúne uma coletividade importante, tendo em vista que outros judeus, principalmente da Europa Oriental, juntaram-se às famílias originárias das colônias.

São Paulo, estado que agrega o maior número de judeus brasileiros na contemporaneidade, recebeu seus primeiros imigrantes declarados como tais em 1845, oriundos da Alsácia-Lorena. Entre 1905 e 1906, houve uma tentativa de colonização na área rural de Rio Claro e Campinas, envolvendo judeus russos também perseguidos por *pogroms*. O deslocamento desses imigrantes para centros urbanos variados acabou acontecendo logo depois. No que diz respeito aos pioneiros na formação da base da comunidade paulista moderna, podemos considerar que correspondem àqueles provenientes da Bessarábia⁶ e da Europa Oriental. Atraídos pela crescente industrialização e urbanização, constituíram escolas, sinagogas, bibliotecas, sociedades de ajuda mútua e cemitérios no início dos anos 1900. A esses, incorporaram-se outros, perseguidos pela onda antissemita.

Quanto a sefarditas e orientais⁷, são recebidos em São Paulo em dois momentos distintos. Nas primeiras três décadas do século passado, são originários da ilha de Rodas, na Grécia, e das cidades de Istambul e Esmirna, na Turquia. São também naturais do atual Líbano e dos núcleos de Safed, Jafa e Jerusalém, situados na Palestina da época. Nesse caso, o êxodo é motivado por questões políticas e econômicas. A partir do final dos anos 1940, são egípcios, sírios e novamente libaneses. Deixam suas terras pela postura antissionista e antijudaica dos países árabes, a partir da nova configuração geopolítica resultante do estabelecimento do Estado de Israel. Sefarditas e orientais, da mesma forma, mantêm-se organizados por meio de entidades próprias, algumas delas completando seu primeiro centenário.

Segundo dados de 2010, os judeus brasileiros somam 106 mil indivíduos (Goldbaum, 2022). Além das comunidades já mencionadas, destacam-se outras no Sudeste, Sul, Norte e

contra os judeus, tanto no império russo como em outros países”. O primeiro deles teria ocorrido em Odessa em 1821.

⁶ Hoje, Moldávia, Romênia e Ucrânia.

⁷ Termo de caráter identitário, utilizado para designar especificamente os judeus provenientes dos países árabes e/ou de maioria muçulmana.

Nordeste. Com múltiplas origens, práticas singulares e graus de religiosidade variados, espalham-se pelo país, integrados à sociedade maior.

3. Iniciativas institucionalizadas de preservação e extroversão de cultura e memória judaicas

Sob a perspectiva das iniciativas institucionalizadas orientadas à valorização da história, memória e cultura judaicas e à homenagem a cerca de seis milhões de vítimas, sobretudo judaicas, do Holocausto, incluímos neste estudo museus e memoriais criados a partir da motivação das várias comunidades judaicas em todo o país⁸. Não estão aqui englobadas instituições de caráter mais amplo que, eventualmente, lidem com os temas mencionados⁹.

Segundo a definição do Conselho Internacional de Museus (Icom) aprovada em Praga em 24 de agosto de 2022,

Um museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos e ao serviço da sociedade que pesquisa, coleciona, conserva, interpreta e expõe o patrimônio material e imaterial. Abertos ao público, acessíveis e inclusivos, os museus fomentam a diversidade e a sustentabilidade. Com a participação das comunidades, os museus funcionam e comunicam de forma ética e profissional, proporcionando experiências diversas para educação, fruição, reflexão e partilha de conhecimentos.

Em webinar promovido em 2023 pelo Museu Judaico de Sidney, na Austrália, Barbara Kirshenblatt-Gimblett, especialista canadense nos temas da cultura, dos museus e especificamente de instituições voltadas à memória judaica, salientou os esforços empreendidos pela comunidade museológica internacional para se chegar a uma nova definição de museu. Essa discussão, cujo início remonta a 2016, é concluída somente seis anos depois. Em suas palavras,

A definição [...] teve a intenção de refletir sobre os desenvolvimentos mais progressistas no campo dos museus. Desejava-se que os museus fossem menos sobre consenso, ao mesmo tempo mais responsivos a questões voltadas à sociedade contemporânea. Os museus deveriam atuar como uma influência positiva para seus visitantes, impactando a sociedade para além da educação. *Advocacy*¹⁰ não significa

⁸ Centros culturais cuja idealização e gestão estão vinculadas à comunidade judaica, como é o caso da Casa do Povo e da Unibes Cultural em São Paulo e da Associação Scholem Aleichem de Cultura e Recreação (ASA) no Rio de Janeiro, não integram esta pesquisa, embora sua relevância para a divulgação da memória judaica seja notória.

⁹ Como exemplos dessas iniciativas por equipamentos culturais diversos em São Paulo, destacamos a coleção expressiva de depoimentos da comunidade judaica do Museu da Pessoa, museu virtual cujo objetivo é colecionar histórias de vida, assim como alguns itens – objetos, fotos, documentos e depoimentos – que integram a reserva técnica do Museu da Imigração e que, porventura, possam estar inseridos em sua expografia. No estado do Amazonas, temos o Centro de Cultura e Memória de Parintins – Museu Parintins, inaugurado em maio de 2024, com uma ala separada em homenagem à imigração judaica para a região.

¹⁰ Termo sem tradução em português, ligado à ideia de defesa, promoção, ativismo.

viés; não se trata de exercer pressão em direção a uma agenda particular. *Advocacy* significa criar um espaço para o debate civil esclarecido (Cotic, 2023, tradução nossa).

No território brasileiro, a Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, estabelece que

consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento.

Em seu parágrafo único, a legislação dá destaque, já em 2009, aos processos museológicos protagonizados pelas comunidades, o que acontece no âmbito internacional somente em 2022, conforme mencionado anteriormente:

enquadrar-se-ão nesta Lei as instituições e os processos museológicos voltados para o trabalho com o patrimônio cultural e o território visando ao desenvolvimento cultural e socioeconômico e à participação das comunidades.¹¹

Esses novos conceitos, aplicados ao mundo das instituições de memória, derivam da pouca aderência ao conceito tradicional de museus na contemporaneidade – referimo-nos aos pressupostos da Nova Museologia (Soares, 2012; Duarte, 2013), da Museologia Social (Tolentino, 2016), assim como da Sociomuseologia (Primo e Moutinho, 2021). A constatação de uma pluralidade identitária e de uma crescente diversidade cultural no interior das sociedades e a importância que tem sido dada a essas realidades desencadearam uma busca pela independência também no quesito memória de grupos e minorias (Primo, 2013).

3.1. Museus e memoriais judaicos e do Holocausto

O Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), por meio de sua plataforma Museusbr, disponibiliza informações sobre os mais de três mil museus do país cadastrados no órgão. A Tabela 1 sintetiza as instituições cujas temáticas interessam a este estudo, quais sejam, judaísmo e Holocausto.

Tabela 1 – Relação de museus judaicos e do Holocausto extraída da plataforma Museusbr por ordem de fundação

Nome	Estado	Fundação	Temáticas trabalhadas
------	--------	----------	-----------------------

¹¹ Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=11904&ano=2009&ato=c81gXVE90dVpWTed2>. Acesso em: 27 jul. 2024.

Museu Judaico do Rio de Janeiro	RJ	1977	História e cultura judaicas
Museu Nacional das Migrações Judaicas	RS	1985	História e cultura judaicas
Centro Cultural Judaico de Pernambuco – Museu Sinagoga Kahal Zur Israel	PE	2001	História e cultura judaicas
Museu do Holocausto	PR	2012	História – Holocausto
Memorial da Imigração Judaica e do Holocausto	SP	2015	História e cultura judaicas História – Holocausto
Museu Judaico de São Paulo (MUJ)	SP	2021	História e cultura judaicas

Fonte: Elaborada pela autora a partir da plataforma Museusbr.

O Museu Judaico do Rio de Janeiro (<http://www.museujudaico.org.br/>) é a entidade mais antiga a explorar a temática de forma institucionalizada. Surgiu por iniciativa das famílias Josef, Kosovski e Szwertsarf, entre outros ativistas, com o intuito de resgatar e conservar a história e a memória da comunidade judaica fluminense. Hoje, está localizado no Centro da capital. Além de contar com espaço expositivo e de realizar eventos, dispõe de acervo de objetos, documentos, livros, filmes e áudios de depoimentos dos primeiros imigrantes.

O Museu Nacional das Migrações Judaicas, iniciativa do Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (<https://chagall.org.br/>), está sediado em Porto Alegre. Tem como missão preservar a memória dos judeus sulistas, registrar sua presença e contribuição em diversos setores no âmbito nacional e ainda atuar no diálogo, na luta contra o preconceito e na promoção da tolerância religiosa. Possui acervo documental, iconográfico, audiovisual, bibliográfico, de periódicos e de história oral. Quanto ao espaço expositivo, destacamos a menção em seu website à elaboração de projetos de cunho arquitetônico e museológico, a serem concretizados tão logo sejam obtidos os recursos para tal empreitada.

A sinagoga Kahal Zur Israel, em Recife, destaca-se pelo fato de ser a primeira sinagoga das Américas. Fundada no século XVII, tornou-se museu após prospecções arqueológicas iniciadas na década de 1990, quando foram descobertos um antigo poço e uma piscina ritual, indicando a existência de uma *micvê*¹². Deve se tornar patrimônio oficial do Brasil, uma vez finalizado o processo de tombamento pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)¹³. O equipamento cultural abriga exposições de longa duração e temporárias, assim como um arquivo de fotografias, documentos e cartas. Voltado à história dos judeus no

¹² Local de banhos rituais judaicos.

¹³ Desde 1998, sobre o conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico do bairro do Recife, integrante do sítio histórico do Recife, recai tombamento do Iphan. Entretanto, como edifícios isolados, somente duas igrejas e um forte são tombados.

período holandês, é um dos locais mais visitados por turistas em Pernambuco (Ribemboim, 2023).

Como museu dedicado especificamente à temática do genocídio perpetrado pela máquina nazista nas décadas de 1930 e 1940, surge o Museu do Holocausto de Curitiba (<https://www.museudoholocausto.org.br/>), por iniciativa de um empresário judeu, filho de sobreviventes. Primeiro no gênero e referência brasileira que vai além das temáticas do Holocausto e do antissemitismo, aborda outras formas de intolerância e discriminação e atua verdadeiramente como entidade voltada aos direitos humanos em função da efetividade de suas ações educativas. A importância dada à memória e à pesquisa garante a manutenção de um acervo de objetos, documentos, fotos e exposições.

Em São Paulo, o primeiro museu judaico a ser aberto ao público foi o Memorial da Imigração Judaica e do Holocausto, no bairro do Bom Retiro. Conhecido como Memorial da Imigração Judaica entre 2015 e 2016, teve sua denominação alterada ao incorporar nova temática e mais um andar em novembro de 2017. O equipamento cultural foi constituído no local onde funcionou, por aproximadamente cem anos, a sinagoga Kehilat Israel. Desde 2021, essa edificação integra o inventário Memória Paulistana do Departamento do Patrimônio Histórico (DPH) da Prefeitura de São Paulo, tendo em vista sua expressividade como ponto de partida da vida comunitária na cidade. Hoje, são duas as temáticas abordadas: a presença judaica no país e as causas e consequências do genocídio que aconteceu no contexto da Segunda Guerra Mundial. Segundo nosso estudo de público realizado recentemente (Bialski, 2022), direcionado às audiências escolar e espontânea, o Memorial cumpre sua função como guardião de memória, assim como desempenha um papel importante quanto à educação, informação e conscientização para que crimes contra a Humanidade não se repitam. Para isso, concentra seus esforços nas atividades educativas.

A abertura das exposições de longa duração do Museu Judaico de São Paulo (MUJ) se deu ao final de 2021. Entretanto, o MUJ, no centro da cidade, é fruto da criação, ainda em 2000, de uma Associação de Amigos voltada à memória judaica de modo mais amplo. Nesses vinte anos, a ideia do museu foi amadurecendo. Em 2004, com a diminuição de seu uso como espaço religioso, o centenário Templo Beth-El, no Centro da cidade, é referendado como sede do equipamento cultural. A pedra fundamental do novo empreendimento foi lançada em 2011. Por sua vez, o ano de 2016 marca a incorporação do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro (AHJB)

ao MUJ, resultando na constituição de seu Centro de Memória (CDM/MUJ)¹⁴. Nesse meio tempo até a abertura do que se conhece hoje como MUJ, doações, sobretudo de objetos, são recebidas e catalogadas, um embrião de plano museológico – intitulado “Diretrizes Programáticas de Implantação” – é produzido e, finalmente, a expografia principal é inaugurada. O MUJ opera “visando cultivar as diversas expressões, histórias, memórias, tradições e valores da cultura judaica em diálogo com o contexto brasileiro, com o tempo presente e com as aspirações de seus diferentes públicos”¹⁵ por meio de disponibilização de acervos, exposições e eventos, considerando-se museu de sociedade (Bialski, 2021). Termo cunhado na França em 1991, refere-se aos museus que pretendem “estudar a evolução da humanidade em meio a seus componentes sociais e históricos e transmitir as conexões, as referências para compreender a diversidade das culturas e das sociedades” (Vaillant, 1993, p. 37, tradução nossa).

Por fim, notamos a ausência do Memorial às Vítimas do Holocausto (<https://www.memorialdoholocaustorio.org.br/>) no cadastro do Ibram, provavelmente por sua abertura recente. Inaugurado em 2023, está localizado no Mirante do Pasmado, no bairro carioca de Botafogo. O complexo inclui um monumento e a área expositiva propriamente dita. Seu objetivo é preservar e informar no que diz respeito às histórias das vítimas do regime nazista, que atingiu judeus e outros grupos, e ainda refletir sobre a importância dos direitos humanos e o respeito à diversidade, trabalhando sob o prisma pedagógico. A iniciativa é uma parceria público-privada com a Prefeitura do Rio de Janeiro.

4. Novas experiências brasileiras no campo da memória judaica

Nos últimos anos, outras possibilidades de preservação e extroversão vêm sendo exploradas no Brasil com relação à memória judaica. Assim como os museus mencionados, são iniciativas comunitárias, que vivenciam desafios estruturais e financeiros. Estão à margem do mundo institucionalizado judaico e não judaico porque não lidam com temáticas usuais, conhecidas ou de interesse mais geral. Só o futuro dirá se essas experiências ou experimentações serão incorporadas um dia pelas organizações com funcionamento já

¹⁴ O AHJB, fundado em 1976 a partir da iniciativa de um grupo acadêmico vinculado à Universidade de São Paulo (USP) e liderado pelo professor Nachman Falbel, foi uma importante entidade dedicada à preservação e à pesquisa no âmbito judaico.

¹⁵ Disponível em: <https://cadastro.museus.gov.br/museus/museu-judaico-de-sao-paulo-muj/>. Acesso em: 27 jul. 2024.

sedimentado. Discorremos a seguir sobre cinco projetos independentes relativos à memória judaica, desenvolvidos a partir de 2010. Esse conjunto corresponde a um recorte do presente estudo, embora estejamos cientes de que outras propostas semelhantes possam ser significativas e relevantes no intuito de enfatizar a presença judaica, no passado e no presente, no cenário nacional.

4.1. Projeto Amazônia Judaica

O Projeto Amazônia Judaica (<https://www.amazoniajudaica.com.br/>) foi criado a partir da concepção, em 2010, de um arquivo digital pelos irmãos David e Elias Salgado, por ocasião do bicentenário da presença judaica na região. Apoiado por famílias judaicas de origem marroquina, pertencentes hoje ou no passado às comunidades de Manaus e Belém, tem como missão ser a referência para a memória da Amazônia Judaica, a partir de publicações próprias e banco de dados para pesquisas acadêmicas, de caráter cultural e relacionadas à genealogia. A iniciativa visa ainda à criação e à manutenção de grupos de estudos em temas relacionados, potencializados, inclusive, pela formação de rede com outras iniciativas similares no tocante aos estudos judaico-marroquinos. Um exemplo disso foi a participação do Centro de Estudos Judaicos da Amazônia (CEJA), núcleo acadêmico principal do Projeto Amazônia Judaica, no Fórum Morocco – Latin America The Sephardic Connection, que aconteceu em Essaouira, Marrocos, em junho de 2024.

Adicionalmente, desde 2021, é a entidade responsável pela promoção do Congresso Internacional de Estudos Sefarditas (CIES), que acontece a cada dois anos. O primeiro, realizado *on-line* de modo experimental, caracterizou-se pela apresentação de cinquenta trabalhos e registrou mais de mil visualizações. Uma coletânea, organizada por Regina Igel e Elias Salgado, publicada em 2022, resultou desse primeiro encontro e correspondeu a uma diversidade de temas, como música, literatura, antropologia, história e memória, entre outros. O segundo, presencial e mais ousado a partir do sucesso da primeira edição, foi marcado por três dias de apresentações no Museu da República, no Rio de Janeiro. Os dois eventos cumpriram seu objetivo quanto à aproximação de pesquisadores, professores, alunos e interessados em geral, não só em torno da Amazônia Judaica, mas também ampliando essa temática para abarcar os estudos do sefardismo sob a perspectiva brasileira, latino-americana e mundial. O III CIES está programado para acontecer em 2025 como idealização do Projeto Amazônia Judaica, em parceria com a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, a partir

do tema “Judeus no Mediterrâneo e suas diásporas: intersecções econômicas, sociais e culturais”.

4.2. União Israelita Shel Guemilut Hassadim: 150 anos de Atos de Bondade

O projeto de memória da sinagoga mais antiga em funcionamento no Rio de Janeiro, uma das três mais longevas em uso até hoje no Brasil, resultou de um intento comunitário envolvendo os atuais membros da entidade, em sua maioria descendentes de imigrantes marroquinos. O grupo, que contou com a ajuda de acadêmicos e profissionais, foi motivado pela ideia de resgatar, registrar e difundir a passagem dos 150 anos da fundação da congregação, que se deu a partir do Decreto Imperial nº 5.202, de 13 de janeiro de 1873, rubricado pelo próprio imperador D. Pedro II.

A iniciativa foi concretizada a partir de pesquisa documental, bibliográfica e iconográfica. Como metodologia principal, procedeu-se a entrevistas de história oral com mais de uma dezena de protagonistas da comunidade.

O trabalho, iniciado em 2022, preocupou-se em contextualizar a história dos judeus de origem marroquina no Rio de Janeiro, assim como em apresentar os elementos religiosos, arquitetônicos e decorativos da sinagoga e, principalmente, em valorizar a memória da comunidade em relação a suas práticas e costumes e em focalizar sua vocação de doação ao próximo, como seu próprio nome diz, em hebraico, *shel guemilut hassadim*, em português, “de atos de bondade”. O resultado de tal esforço comunitário correspondeu a um livro, organizado por Elias Salgado, cujo lançamento se deu no II Congresso Internacional de Estudos Sefarditas (CIES) em agosto de 2023. Um espaço expositivo para extroversão da pesquisa continua nos planos do grupo.

4.3. Judeus do Egito: 70 Anos do Exílio

A comunidade de judeus egípcios em São Paulo se formou em razão do êxodo provocado pela deterioração política e consequente instabilidade que afetou as minorias religiosas naquela localidade. A partir de 1947, 66 mil judeus deixaram o Egito, dirigindo-se para vários países, entre eles o Brasil (Decol, 1999). Em 2016, havia menos de 15 judeus no Egito – eram 75 mil em 1948 (Julius, 2020).

Como primeira ação do grupo para marcar os 70 anos no Brasil, foi criada, em 2015, uma página no Facebook – Juifs d’Egypte¹⁶. Muitos encontros depois, surgiu a ideia da implantação de um website com o mesmo nome (<https://www.juifsdegypte.org/>). Naquele momento, parte do acervo de fotos, documentos e depoimentos já estava formada, fruto do ativismo de alguns integrantes, e passou a ser disponibilizada. O projeto de memória da comunidade judaica egípcia paulistana culminou com a realização da exposição “Judeus do Egito: 70 Anos do Exílio” na Galeria de Arte A Hebraica em 2022 e, no ano seguinte, com o lançamento do livro *Memórias e história – judeus do Egito*, organizado por Nessim Hamaoui. A mostra, hoje itinerante, tem como objetivo abordar a vida nas cidades egípcias do Cairo e de Alexandria, seus costumes e tradições, assim como os momentos trágicos de expulsão e exílio e, finalmente, a chegada ao Brasil. Além de painéis explicativos e vídeos interativos, o grupo se preocupou em reunir objetos quotidianos e religiosos dispostos em vitrines. O livro, por sua vez, complementa a exposição e é um legado para as novas gerações.

Figura 1 – Vista parcial da exposição “Judeus do Egito: 70 Anos do Exílio” na Galeria de Arte A Hebraica (2022).



Fonte: Foto da autora.

4.4. Polo de turismo histórico judaico de Quatro Irmãos e região

A iniciativa da criação de um polo de turismo judaico (<https://poloturismojudaico.com.br/>) na região do Alto Uruguai, Norte do Rio Grande do Sul, a aproximadamente 350 km da capital Porto Alegre, surgiu pelo interesse na extroversão de uma história única de imigração judaica no país, tendo em vista a formação de um povoamento fora

¹⁶ A utilização do francês para a designação do grupo remete à educação formal recebida naquela língua por grande parte dos imigrantes, em escolas judaicas ou não, ainda que o país tenha o árabe como idioma oficial.

dos circuitos urbanos a partir de um projeto que contou com incentivo privado no início do século XX.

O ponto de partida desse projeto de memória focado no turismo histórico e cultural, produto de parceria público-privada, foi a recuperação do Hospital Leonardo Cohen, que funcionou entre 1929 e 1961, considerado o primeiro hospital judaico do país. Localizado no que é hoje o município de Quatro Irmãos, passou a sediar, a partir de 2023, já como imóvel tombado na esfera municipal, o Memorial da Imigração Judaica. Segundo seus idealizadores, descendentes daqueles que formaram as colônias agrícolas, não há intenção de constituir um museu propriamente dito. A ideia é proporcionar, por meio de uma pequena expografia, uma visão da história e da cultura dos que buscaram no estado sulista a sobrevivência e a manutenção de sua identidade étnica e religiosa. A rota turística que vem sendo desenvolvida desde então corresponde ao percurso pela antiga Fazenda de Quatro Irmãos, sítio histórico em área dos atuais municípios de Quatro Irmãos, Jacutinga e Erebangó. O projeto pretende assinalar o passado judaico na região em conexão com outras imigrações, no caso alemã, italiana, polonesa, açoriana e ucraniana.

Figura 2 – Vistas externa e interna do Memorial da Imigração Judaica em Quatro Irmãos/RS.



Fonte: Polo de Turismo Histórico Judaico.

4.5. Comunidade Judaica da Mooca

A formação da comunidade judaica da Mooca, na Zona Leste de São Paulo, foi protagonizada, em sua maioria, por imigrantes oriundos das cidades libanesas de Beirute e Sidon (ou Seida). Dirigiram-se à capital paulista nas três primeiras décadas do século XX com o objetivo de “fazer a América” e de evitar o alistamento militar obrigatório no exército otomano da época. Na década de 1930, fundaram duas sinagogas na mesma rua, a Odorico

Mendes, cujas edificações resistem ao tempo. Entretanto, sua utilização é bastante reduzida, uma vez que o grupo judaico não reside mais nas redondezas.

Desde a década de 1970 e, principalmente, 1980, a especificidade étnica judaico-oriental tem ganhado espaço do ponto de vista identitário, sociológico, antropológico, etnográfico, chamando a atenção quanto à necessidade de preservação dessa memória, em meio a abordagens mais plurais e à identificação da importância da diversidade cultural.

Em 2023, mais uma vez como iniciativa comunitária, deu-se início ao projeto Comunidade Judaica da Mooca, cujo objetivo é a salvaguarda e a transmissão dessa herança pouco conhecida, inclusive dentro da própria comunidade judaica. Os trabalhos que buscaram introduzir o grupo no cenário da imigração judaica brasileira se devem à pesquisadora Rachel Mizrahi (2000, 2003, 2005a, 2005b, 2006, 2008, 2013).

O projeto Comunidade Judaica da Mooca abarca a formação de uma coleção de fotos, documentos e depoimentos que possibilite preservar e posteriormente divulgar a memória das famílias originalmente estabelecidas no bairro da Mooca. Essa divulgação deverá se dar por meio de uma exposição e de um livro, potencializando a difusão do patrimônio material e imaterial dessa coletividade.

Figura 3 – Mooca: Sociedade Sinagoga Israelita Brasileira e União Israelita Paulista.



Fonte: Fotografias de Myriam Rosenblit Szwarcbart – Blog Arte Judaica São Paulo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo pretendeu enumerar e dar visibilidade ao que existe hoje no Brasil quanto a iniciativas de preservação e extroversão da memória das comunidades judaicas organizadas, aqui estabelecidas em consequência de processos migratórios diversos, começando pela coletividade que contribuiu para o povoamento da Amazônia já no século XIX.

Embora todas as iniciativas descritas tenham derivado da perseverança comunitária, em alguns casos associadas ao poder público, apenas parte delas atingiu um grau de institucionalização que permite a manutenção assertiva de uma estrutura profissionalizada e de longa duração, seja pela sua concepção recente, seja pela vinculação a subcomunidades judaicas de menor visibilidade. Em boa parte das instâncias, há que se contar somente com o senso de comunidade como propulsor do avanço na elaboração de projetos expositivos, arquivísticos ou textuais que lidem com a valorização do patrimônio judaico brasileiro.

É a comunidade despertando em seus membros a reflexão sobre a importância da salvaguarda de um legado, lançando um movimento que prospecta memórias, recolhe testemunhos, dá vida a documentos e fotos esquecidas. Com o material reunido, forma acervo, preocupa-se com sua conservação e trabalha para a extroversão desse patrimônio material e imaterial. É a comunidade transmitindo sua história a partir de um julgamento particular, tendo como ponto de partida a construção de um autoconhecimento coletivo. O principal valor da experiência comunitária são ideias, ações e emoções que dão sentido à memória grupal, a partir de interpretações próprias. De certa forma, a experiência de memória comunitária é uma contrapartida à globalização homogeneizadora.

Websites consultados:

<https://www.amazoniajudaica.com.br/>
<https://artejudaicasaopaulo.blogspot.com/>
<https://cadastro.museus.gov.br/>
<https://chagall.org.br/>
<https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/pogroms>
<https://www.icom.org.br/>
<https://www.juifsdegypte.org/>
<https://www.memorialdoholocaustorio.org.br/>
<https://www.museudoholocausto.org.br/>
<http://www.museujudaico.org.br/>
<https://museujudaicosp.org.br/>
<https://www.planalto.gov.br/>
<https://poloturismojudaico.com.br/>
<https://sinagogashel.org/>

Referências bibliográficas:

BIALSKI, A. A. *Museu Judaico de São Paulo: a criação de um diálogo entre comunidade e sociedade*. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação Letras Estrangeiras e Tradução) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8164/tde-28032022-113626/publico/2022_AdrianaAbuhabBialski_VCorr.pdf. Acesso em: 23 jul. 2024.

- BIALSKI, A. A. *Memorial do Holocausto: um estudo dos públicos escolar e espontâneo*. 2022. Monografia (Especialização em Museologia, Cultura e Educação) – Faculdade de Filosofia, Comunicação, Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/bitstream/handle/31469/1/Adriana%20Abuhab%20Bialski%20-%20Monografia.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2024.
- BIALSKI, A. A. Memorial do Holocausto: uma reflexão sobre seus públicos escolar e espontâneo. In: CARVALHO, D. F.; ALVES, M. C.; GUIMARÃES, B. M. da C.; ANDRADE, S. de A. (org.). Disponível em: <https://amplianarede.com.br/livro-educacao-em-museus/>. *Educação em Museus*. Uberlândia: Agência Cultural & Editora Subsolo, 2024, p. 101–107. Acesso em: 6 dez. 2024.
- BIALSKI, A. A. Judeus libaneses em São Paulo: memória, identidade e perspectiva de musealização. *Cadernos de Língua e Literatura Hebraica*. v. 25, p. 197-212, 2024. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cllh/article/view/221528>. Acesso em: 6 dez. 2024.
- BLAY, E. A. *O Brasil como destino: raízes da imigração judaica contemporânea para São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- COSIC, M. Jewish museums: from treasure box to forum for dialogue. *The Jewish Independent*. Sydney, 5 Mar. 2024. Disponível em: <https://thejewishindependent.com.au/jewish-museums-from-treasure-box-to-forum-for-dialogue>. Acesso em: 27 jul. 2024.
- DECOL, R. *Imigrações urbanas para o Brasil: o caso dos judeus*. 1999. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.
- DUARTE, A. Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. *Museologia e Patrimônio*, vol. 6, n. 1, p. 99-117, 2013. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/248>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- FALBEL, N. *Judeus no Brasil: estudos e notas*. São Paulo: Humanitas; Edusp, 2008.
- GOLDBAUM, S. On the recent worsening of income distribution among the Jewish Population in Brazil. *Contemporary Jewry*, 2022. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/s12397-022-09457-8>. Acesso em: 29 jul. 2024.
- HAMAOU, N. *Memórias e histórias – Judeus do Egito*. São Paulo: Kadimah, 2023.
- JULIUS, L. *Uprooted: desenraizados: como 3.000 anos de civilização judaica no mundo árabe desapareceram da noite para o dia*. São Paulo: Kadimah, 2020.
- MIZRAHI, R. *Imigração e identidade: as primeiras comunidades judaicas do Oriente Médio em São Paulo e no Rio de Janeiro*. 2000. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- MIZRAHI, R. *Imigrantes judeus do Oriente Médio: São Paulo e Rio de Janeiro*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.
- MIZRAHI, R. *Judeus: do descobrimento aos dias atuais*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005a.

MIZRAHI, R. Imigrantes judeus do Oriente Médio e sua inserção em São Paulo e no Rio de Janeiro. In: GRINBERG, K. (org.). *Os judeus no Brasil: inquisição, imigração e identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005b.

MIZRAHI, R. Imigrantes judeus do Oriente Médio e sua inserção em São Paulo e no Rio de Janeiro. In: *Congresso Sefaradi Confarad II*. São Paulo: W-Edith Produções Gráficas, 2006.

MIZRAHI, R. *Do mascate ao empreendedor: uma família da antiga Mooca*. São Paulo: Editora do autor, 2008.

MIZRAHI, R. Diversidade cultural dos imigrantes judeus sefaraditas e judeus orientais em S. Paulo. In: CARNEIRO, M. L. T. (org.). *Recordações dos primórdios da imigração judaica em S. Paulo*. São Paulo: Maayanot, 2013.

POULOT, D. *Musée et muséologie*. Paris: Éditions La Découverte, 2005.

PRIMO, J. Museus, hibridação cultural e novas territorialidades. *Cadernos de Sociomuseologia*. v. 46, n. 2, p. 17-28, 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/7481103/Museus_Hibrida%C3%A7%C3%A3o_Cultural_e_novas_territorialidades. Acesso em: 27 jul. 2024.

PRIMO, J.; MOUTINHO, M. Uma releitura do mundo pelo olhar da sociomuseologia. In: PRIMO, J.; MOUTINHO, M. (ed.). *Sociomuseologia: para uma leitura crítica do mundo*. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2021. p. 17-32. Disponível em: https://www.mariomoutinho.pt/images/PDFs/julho2022/sociomuseologia_leitura_critica_mundo_web.pdf. Acesso em: 29 jul. 2024.

RIBEMBOIM, J. *História dos judeus em Pernambuco*. Recife: Cepe, 2023.

SALGADO, E.; IGEL, R. (org.). *Amazônia Judaica 20 anos depois: história, memória, tradição e cultura*. Rio de Janeiro: Talu Cultural, 2022.

SALGADO, E. (org.). *União Israelita Shel Guemilut Hassadim: 150 anos de atos de bondade*. Rio de Janeiro: Talu Cultural, 2023.

SOARES, B. C. B. A experiência museológica: conceitos para uma fenomenologia do Museu. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio/MAST*. v. 5, n. 2, p. 55-71, 2012. Disponível em: <http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/viewFile/216/200>. Acesso em: 29 jul. 2024.

TOLENTINO, A. B. Museologia social: apontamentos históricos e conceituais. *Cadernos de Sociomuseologia*. v. 52, n. 8, p. 21-44, 2016. Disponível em: https://www.academia.edu/26533649/Museologia_social_apontamentos_hist%C3%B3ricos_e_conceituais. Acesso em: 27 jul. 2024.

VAILLANT, E. Les musées de Société: chronologie et définition. In: BARROSO, E.; VAILLANT, E. (org.). *Musées et Sociétés*. Paris: Ministère de la Culture, 1993, p. 16-38.